

EM UM PAPEL BRANCO, ESCRITO NUMA COR AZUL: ele tem autismo infantilEdna Rodrigues da Silva¹Cristiana Callai²**RESUMO**

Em meio às histórias muitas vezes invisibilizadas de lutas das mães pelo acesso à escola para seus filhos, encontraremos neste texto narrativas que nos mostram os caminhos percorridos quando elas carregam embaixo do braço o diagnóstico da criança com Transtorno do Espectro Autista. Lutas cotidianas em busca de processos inclusivos para crianças que frequentam a Associação de Pais e Amigos do Excepcional/APAE, no município de Pirapetinga/MG. Nesse tecer de histórias, memórias e narrativas, a professora narra sobre suas reflexões provocadas pela presença das mães em sala de aula e nos processos de aprender e ensinar com os sujeitos da educação. O ato de incluir vai além da presença física, incluir é “estar junto” em um comprometimento ético, político e estético diante dos sujeitos da educação. Usamos a narrativa como recorte metodológico.

Palavras-chave: Narrativas. Inclusão. Mães.

EN UNA HOJA BLANCA PALABRAS AZULES: él tiene autismo infantil**RESUMEN**

En las historias casi invisibles de luchas de las madres por el acceso a la escuela para sus hijos, encontramos en el texto narrativas que cuentan los caminos viajados mientras tienen el diagnóstico del niño de Transtorno del Espectro Autista. Luchas cotidianas por la inclusión para que sus hijos puedan estudiar en la Asociación de Padres y Amigos del excepcional/APAE, en la ciudad de Pirapetinga /MG. Así, historias, memorias y narrativas la profesora cuenta sus ideas y reflexiones acerca de la presencia de las madres en la clase y en los procesos de enseñanza y aprendizaje en la educación. La inclusión es más que la presencia

¹ Pedagoga. Mestre em Ensino pela Universidade Federal Fluminense - UFF.

² Pedagoga. Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal Fluminense - UFF.

física; incluir es estar cerca con responsabilidad ética, política y estética de los sujetos de la educación. Na narrativa es la metodología de ese trabajo.

Palabras-clave: Narrativas. Inclusión. Madres.

INTRODUÇÃO

Este texto traz narrativas de mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Lutas cotidianas em busca de processos inclusivos para crianças que freqüentam a Associação de Pais e Amigos do Excepcional/APAE, no município de Pirapetinga/MG. Nesse tecer de histórias, memórias e narrativas, a professora da APAE narra suas reflexões provocadas pela presença das mães em sala de aula e nos processos de aprender e ensinar com os outros sujeitos da educação.

Nos ensaios “Experiência e Pobreza e o Narrador”, Walter Benjamin (1987) nos provoca a escrever as narrativas das experiências das quais jorram pensamentos em palavras produzindo uma escrita. Convida-nos também a entender que narrar é uma arte que se dava no meio daqueles que teciam suas obras: O artesão. É essa condição de narrar que “floresce no meio artesão”, que dá sentido às formas de comunicação. A narrativa é ela própria uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Os fios das narrativas são as palavras entrelaçadas que compõem o pensamento e que se pode contar. Em uma trama, uma condição da arte de narrar é a arte de dizer. Dizer, contar o que está dentro das memórias “é caminhar para dentro de si” em diferentes espaços e tempos. É olhar para dentro de si e conseguir ver que existe algo que pode ser compartilhado. São saberes que emergem de dentro dos sujeitos como uma fonte e quando essas memórias saem em forma de palavras, de escritas, torna-se arte, a arte de dizer, a arte de contar.

O diagnóstico, quem conta é a Carina...

“Wesley tem autismo infantil.” As palavras foram como determinar uma prisão, um aprisionamento, afirmava uma mãe que acabara de encontrar com a diferença.

Será que agora meu filho teria que viver dentro daquele quadro, um papel branco, escrito numa cor azul. Essa pergunta martelava em meus

pensamentos, dizia Carina. Aquelas palavras, talvez determinantes, tiraram-me o sossego.

Mas eu conhecia muito bem o meu filho. Ele, uma criança. Meu companheiro. Meu primeiro filho. O primeiro neto. A criança esperada. Veio em meio a uma grande paixão. Uma criança como qualquer outra. Somos felizes.

É claro que temos momentos em que sofremos juntos! Momentos de desafios, todos nós temos, momentos de felicidade e de tristezas também. Estamos em uma trajetória de vida onde encontramos diferentes desafios. Os desafios nos fazem aprender. Somos aprendizes a cada dia, a cada momento.

Aquele papel branco escrito com tinta azul era um resumo de inúmeras viagens e inúmeros encontros na sala de consulta. Parecia que uma vida inteira estava resumida ali, em poucas palavras. “Wesley tem autismo infantil”.

Quando leio essas palavras penso: A história que está sendo construída pelo meu filho não cabe, e não caberá dentro de um espaço tão pequeno, resumido com tão poucas palavras. Penso de fato, como e onde ficará registrada a história dele?

Cada dia em que nós, eu e meu filho, entrávamos naquele consultório ficava registrado no papel uma não ação. Não fala. Não olha nos olhos. Não gosto por brinquedos. Não brincar. Não demonstrar afeto. Não se interessar por coisas normais. Não gosta de barulhos. Enfim, não isto, não aquilo.

Acho que todos nós gostamos e não gostamos, fazemos e não fazemos alguma coisa. Quando vi registrado, “não fala”, eu pensei! Mas as palavras existem sim.

Tem palavras no piscar de seus olhos.

No modo como olha e percebe as coisas, nos pequenos gestos, na diferença entre um sorriso entreaberto e no sorriso com gargalhadas, no jeito sério do seu rosto, no seu modo de andar.

No empurrar das coisas, quando me diz, não quero isto, ou aquilo. No seu olhar entristecido quando está com febre. Nos gemidos quando sente dores.

No choro, quando alguma coisa dói profundamente dentro dele. Um sentimento. No modo livre de caminhar e até nos primeiros passos, quando as pernas não davam conta de correr, ou de subir em algum lugar, a palavra medo também existia.

Eu aprendo a cada dia com seu jeito único de fazer as coisas.

Nos registros daquele doutor, Wesley não sorria, não olhava nos olhos. Mas, eu sei que meu filho sorri, olha em meus olhos, brinca do seu modo, não do mesmo jeito que todas as crianças brincam.

Eu entendo o seu brincar. É interessante. Procurava no brinquedo detalhes tão pequenos e escondidos, que parecia não existir para mim. Aquilo que às vezes eu não vejo, ele vê. Era como se descobrisse outro brinquedo dentro daquele brinquedo.

Seus olhos veem o mundo de uma forma muito diferente da minha, por exemplo. Eu até me esforço, mas não consigo ver o mundo como ele vê. O mundo, as coisas ao seu redor têm diferentes sentidos. Não o sentido que está posto.

Ama estar comigo, ao meu lado.

Gosta de ficar com as pessoas da família. Fica impaciente quando sente a minha falta. Mas, foram tantas viagens feitas para uma cidade tão distante, que eu já estava cansada e meu filho muito mais.

O Rio de Janeiro, um lugar tão diferente dos meus costumes, ruas agitadas, meu filho não ficava feliz lá. Tudo tão difícil. Andar em ônibus lotado. Ir a lugares que sequer eu imaginava ir e conhecer.

Hoje carrego comigo essas memórias que me marcaram muito.

No meu lugar eu conhecia tudo. Cada estrada, cada canto. Eu saía da minha casa, em meio ao verde das grandes mangueiras, à sombra das amendoeiras, dos pés de jambo que ali têm, em meio à diversidade de flores em nosso quintal.

Em meio a uma paisagem tão bonita, com diferentes cores de borboletas que ali pousavam sobre as diversas espécies de flores. Em meio a tantos cantos de passarinhos, em meio às montanhas. Em meio à nascente de água que tinha próximo da minha casa.

Eu saía para fazer viagens semanais, mensais, para ser convencida que deveria morar na cidade. Eu saí do meu lugar.

Wesley adorava pisar na terra. Sujar as mãos. Chupar manga que caia debaixo da mangueira. Sentir a chuva. Tomar banho dentro de uma caixa com água que tinha no quintal. Correr pelo quintal, escolher as folhas da laranjeira, da mangueira, para sentir seu cheiro. De andar de fusca quando eu saía por ali.

Tínhamos a nossa vida.

Eu tive que ir à busca de uma solução para dar as pessoas que me cobravam, pois diziam: “seu filho tem alguma coisa, não é normal.” “Seu filho vai para a escola, como? Se ainda não aprendeu a falar?”

Seu filho precisa ir à escola, para ficar com outras crianças. Precisa se socializar e interagir”.

As palavras pesavam em mim, eu precisava dar conta de tudo e ainda mais das cobranças...

As obrigações sociais nos fazem distantes de nós mesmos, nos fazem anular quem somos. Precisamos dar conta do preconceito dos outros.

Precisamos nos importar com tudo isso? Fui à busca da escola, por que o médico disse: “seu filho precisa de socialização”. Interagir com outras crianças. Aprender outras coisas.

Sei que tudo é válido. A escola tem o seu papel e ajuda muito. Mas nem toda escola está aberta para nos receber. Para receber nossos filhos com as diferenças. Não sabem lidar com tantas crianças e uma tão diferente no meio das outras.

Isso é uma luta.

Se cada criança é de um jeito, porque precisamos ainda lidar com preconceitos tão duros que quase nos obrigam a nos anular como sujeitos? Obrigam a nos distanciar dos lugares, a nos esconder.

Queria andar livremente, viver com meu filho do jeito que ele é.

Sem ter que explicar a cada momento, a cada dia, para cada pessoa a mesma história. O que seu filho tem?

Queria poder caminhar e seguir minha vida sem sentir o peso do preconceito que a sociedade nos impõe.

Queria ser eu mesma, queria que meu filho fosse somente quem de fato ele é. Vivendo em meio à natureza, aprendendo coisas no dia a dia, sem pressa, sem ter que dar satisfações, queremos viver nossa vida construindo nossas histórias.

(CARINA, Histórias de Vida, 2016) .

Na história contada e narrada pela mãe o silêncio que transborda em palavras e vozes que ressoam como ecos. A presença da mãe na escola refletia em seu rosto uma luta “amorosa” contra a opressão e o preconceito das crianças aprisionadas em um rótulo: o autismo. O preconceito esconde a capacidade dos sujeitos de produzir seus saberes.

Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* escreve as primeiras palavras aos “esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se com eles

sofrem, mas, sobretudo com eles lutam” (1987, p. 23). Esses “esfarrapados” são todas as minorias oprimidas, as quais foram negadas o direito a uma educação que os contemple em suas singularidades.

Muitas crianças são entendidas como aquelas que têm deficiências e dificuldades de aprendizagem, pelo fato de terem seus ritmos próprios e não conseguirem acompanhar as outras crianças. Elas são excluídas das escolas regulares, caminham à margem do sistema educacional. Cada criança tem seu ritmo para aprender dentro de suas especificidades se o ritmo não é respeitado dentro das escolas então é uma forma excludente de incluir.

De acordo com Certeau (1997) os “sujeitos praticantes” lutam no campo do forte. O “campo do forte” entendido nesse contexto, como o sistema educacional, os sujeitos lutam nesse “campo” com suas astúcias tentando mudar aquilo que está “instituído”. Entendemos que a mãe luta nesse “campo” e rompe com as regras “instituídas” da escola. E todos os dias ela estava na escola com seu filho.

Carina estava na sala de aula para contribuir com o aprendizado do seu filho, diminuindo assim a linha tênue que afastava seu filho de mais uma professora que chegava à escola. Carina tinha preocupação com as mudanças dos professores e a adaptação dele.

A cada dia ela ajudava a entender os gestos. Cada choro. Cada sorriso. Cada conflito da criança em sala de aula. Nos passeios durante o ano letivo, ela estava junto para acompanhar. A partir da presença da mãe e sua mediação, foi preciso repensar as atividades que seriam trabalhadas com as crianças. Havia a necessidade de (re) significação dos processos de ensino e aprendizagem, conversar.

Quem sabe não seja isto que precisamos fazer: seguir conversando uns com os outros, uma conversa que não acaba, que se desdobra em outros saberes e fazeres, uma conversa que tem conflitos, embates, aprendizagens e que promove a desconstrução de um modelo hegemônico de ensinar e aprender. Uma conversa implicada. Uma conversa ampliada. Nesse processo de educar e educar-se, seguimos conversando.

Diante das palavras da Carina, dos sentimentos envolvidos em cada palavra, cada gesto, cada pausa, cada olhar, em meio a esse grito que ouvimos na voz e no silêncio dessa

mãe, quando Carina diz: “queria ser eu mesma, queria que meu filho fosse somente quem de fato ele é”. Skliar (2015) nos convida a questionar a palavra inclusão e entender como está sendo pensada a inclusão nos discursos educacionais. Se ainda precisamos falar nessa palavra, inclusão é porque ainda falta alguma coisa. Onde está a falta?

A professora da turma afirma que quando chegou à Escola Especial, trouxe os seus pré-conceitos que nem sabia que tinha, como o olhar da falta, o olhar marcado pela deficiência, não conseguia ver além do diagnóstico. Relata que a deficiência estava em seu olhar. Então foi preciso mudar o olhar e enxergar com outras lentes. Precisava ver o que ainda não conseguia ver.

Sendo assim, teríamos que ver na boca de quem aparece à palavra “inclusão” e não tanto o que significa a palavra “inclusão”. Contradizendo-me em parte, deixo registrado que a origem da palavra inclusão está na raiz latina da expressão *includere*, ou seja, enclausurar, fechar por dentro, fechar algo que não estava em um determinado lugar, fazer que algo que não pertencia a um espaço torne-se interior a esse espaço (SKLIAR, 2015. p.17).

A professora afirma: “Eu precisava conhecer. Eu precisava entender os gestos daqueles que estavam diante de mim. Eu precisava me despir dos pensamentos hegemônicos cheios de preconceitos. Eu precisava me encontrar com o desconhecido”.

Como fala Skliar (2015), a palavra inclusão traz em seu âmago o sentido de enclausurar, fechar por dentro, fazer com que alguém que não pertença a um lugar se torne parte. Para incluir é preciso sentir, afetar, ser tocado e “estar juntos na educação”.

“Estar juntos”, pensar uma relação entre sujeitos, encontros. Estar juntos supõe entender o limite entre uma pessoa e outra, é pensar que cada sujeito tem suas singularidades e suas capacidades. Estar juntos pressupõe entender que não há apenas um modo de ser, estar e pensar. Estar juntos vai além de estar presente em sala de aula, inclui as singularidades que precisam estar presentes nos planejamentos pedagógicos.

Por isso, estar juntos não tem sentido em si mesmo, senão implicaria sentir e pensar o que acontece entre nós; estar juntos não tem valor moral por si; estar juntos inclui desde a amorosidade para alguém até a raiva, porém talvez não a indiferença; estar juntos fala de um limite (é uma relação entre dois corpos), não de uma fusão ou uma assimilação (de um corpo em outro corpo); estar juntos não provém de uma determinação de uma relação jurídica obrigada, mas da potencialidade e da singularidade de uma paixão

ética; estar juntos refere mais ao político que à política; estar juntos supõe simultaneamente hospitalidade e hostilidade; estar juntos impede ou suspende ou vai além da ideia de tolerância (SKLIAR, 2011, p. 33).

Estar junto com cada criança na sala de aula é ter encontros e desencontros, pois cada um tem um modo único de habitar o mundo e a convivência não se dá sempre de forma harmoniosa. Estar aberto em uma relação de alteridade tem a ver com estar disponíveis para receber “a cada um a qualquer um” em nossa sala de aula. Incluir talvez seja a capacidade para sentir o outro.

AS MARCAS...

Quando a mãe do Wesley disse estas palavras, pude entender que eu também enxergava o Wesley a partir daquele diagnóstico, pois quando eu cheguei à escola, foi o primeiro documento que recebi em mãos para saber sobre o histórico escolar do aluno, e na verdade o documento não era somente um histórico escolar, e sim um histórico de vida que contava a história do Wesley até os dias atuais na escola. Aproximei-me mais do Wesley. Parei para ouvi-lo. Queria entender o que tinha a me dizer. Teria que aprender a ouvir de outras formas. Ouvir as palavras misturadas com gestos. Teria que aprender outra escuta.

(Professora, Memórias, 2016).

Skliar (2015) diz que “fazer coisas juntos” na educação, significa ter um projeto educativo que contemple a existência de cada um na escola e ainda ressalta que as diferenças se relacionam com a pedagogia das diferenças. Pois essas diferentes pedagogias falam das nossas vidas. Não é possível uma pedagogia para tantas vidas.

MEMÓRIAS

Era um dia chuvoso. A grama onde as crianças gostavam de ir estava toda molhada. Era ainda um dia muito frio. Nesse dia, Wesley entrou na sala de aula, mas queria ir para o espaço onde sempre ia buscar suas folhas embaixo do pé de manga. Quando percebi que Wesley queria mesmo sair, eu disse não pode ir lá fora agora por que está chovendo. Wesley não entendeu e deixou marcas em seu braço.

Carina chegou à sala de aula e me disse: “Sabe professora, entender o limite do que não pode é muito difícil para meu filho. Ele sabe que não pode fazer algo, mas o não é difícil para ele entender. Tem que falar pausadamente e com poucas palavras para que ele entenda. Seus descontentamentos são expressos de diferentes maneiras, às vezes bate a cabeça no chão, isso faz com que meu filho sofra, é uma questão de tempo para que ele aprenda. Eu sei que meu filho tem muita dificuldade para entender essa palavra, não. Então, professora, você deveria mudar os sentidos das palavras para ele entender o que deve fazer e o que não deve fazer. E a cada momento que você fala na tentativa de explicar, meu filho fica ainda mais nervoso. Temos que esperar o momento dele. Depois que ele ficar calmo, procura novamente explicar e ele vai entender”.

(Professora, Memórias, 2016).

Os conflitos se deram porque a professora ainda não entendia cada um. Sabemos que cada criança tem seus gestos carregados de palavras. Naquele momento todos éramos aprendizes. A professora foi aprendendo a cada dia nos encontros com a mãe que compartilhava sua saberes da vivência ao lado de seu filho.

A professora sentiu a necessidade de repensar algumas palavras para conversar com as crianças e que, principalmente a palavra não, deveria mudar. Seria preciso mudar as palavras que iria falar em sala de aula. Se fosse necessário dizer, por exemplo, “Não. Está na hora do almoço”, teria que mudar a frase e dizer: “Espere, já vamos almoçar”.

Foi um momento de grande conflito para a professora e ela se questionava: “Será que estou preparada para dar aulas? Será que vou saber o que fazer diante de cada criança, diante de cada infância, cada singularidade e especificidade?”

Skliar convida o leitor a refletir sobre o que é estar preparado diante de cada sujeito no mundo. “Acredito que é impossível saber, sentir e estar preparado para aquilo que possa advir e acontecer no futuro” (2015, p. 22). Porque a cada dia pode nos acontecer algo novo. Então, como podemos prever aquilo que ainda não conhecemos, ou o que advirá?

A professora indagava: O que é estar preparado? Segundo Skliar (2015), estar preparado é um posicionamento não ético na relação com o outro. E assim quando um professor tem a ideia de “estar preparado”, “configura um dispositivo técnico” e se estamos

diante de sujeitos singulares, que tem seu modo próprio de estar no mundo. Podemos antecipar o que virá em uma relação com os nossos pares?

Skliar nos faz pensar que nomear a diferença é um pensamento de exclusão. A diferença é sempre um movimento entre os sujeitos, que faz com que as pessoas se surpreendam com aquilo que fica no meio, entre elas. Ao produzirmos este “*diferencialismo*” categorizamos os sujeitos dentro de suas diferenças e diminuimos “algumas marcas identitárias vinculadas ao vasto e caótico conjunto das diferenças humanas” (2015, p. 26).

Quando os diagnósticos médicos vêm dizendo que esta criança é isto ou aquilo, parecem ser como marcas que são colocadas em cada criança na escola. A criança passa a ser reconhecida, não pelos seus nomes, por ser quem realmente são e sim por aquela marca que fica nos históricos escolares.

Ao falar em singularidades, lembramos que cada criança tem um tempo, tem um ritmo, tem um modo de aprender. Cada criança aprende no seu tempo, não quer dizer que todos têm que aprender naquele mesmo momento.

Nomear a diferença é cair na armadilha social da produção do “*diferencialismo*”. É uma armadilha que parece transferir para cada um de nós a obrigação de dar visibilidade ainda mais a essas marcas/manchas para serem aceitas pela escola. Isto acontece em uma sociedade que procura saber quem é o outro, que olha para aquele que não somos nós apenas com o olhar da falta. Nomear a falta é criar uma condição social de estereótipo e de preconceito. Estigmas.

Esse uso distorcido das classificações psiquiátricas gera um número enorme de diagnósticos falso-positivos e tem sido uma das causas das frequentes “epidemias” diagnósticas da atualidade. Finalmente, o maior risco de todos, no que se refere ao mau uso das categorias diagnósticas, é a possibilidade de que estas sejam geradoras de estigma. O estigma é um risco particularmente presente nas categorias diagnósticas psiquiátricas porque, nestas, ao contrário das categorias diagnósticas da medicina geral, que se referem a anomalias e patologias somáticas, as queixas, os sintomas e os sinais psiquiátricos colocam em questão a própria pessoa. Ao se referirem a aspectos existenciais, subjetivos e a comportamentos sociais, as categorias psiquiátricas acrescentam um elemento valorativo à descrição factual das classes taxonômicas. É desse componente valorativo indissociável da categorização diagnóstica que geralmente provém o efeito estigmatizante (BRASIL, 2015, p. 40).

O documento “Linhas de Cuidado para Pessoas com Transtorno do Espectro Autista” discute sobre as formas de cuidado que se faz necessário na vida das crianças que são marcadas por diagnósticos, fazendo com que sejam rotulados os sujeitos e reconhecidos por um estigma e não pelos seus nomes. Nesse contexto as marcas aparecem na sociedade de forma naturalizada, evidenciando a singularidade como uma doença a ser tratada, deixando o sujeito excluído dos padrões ditos “normais”.

Neste sentido, um indivíduo “com” TEA não “é” um “autista”. Um rótulo classificatório não é capaz de captar a totalidade complexa de uma pessoa, nem, muito menos, a dimensão humana irredutível desta (BRASIL, 2015, p. 38). São rótulos que acabam aprisionando a criança, justificando a sua incapacidade diante da impossibilidade de fazer igual aos outros. O estigma é uma referência profundamente depreciativa. No caso, quando falamos “aquele menino é autista” tiramos o nome e nomeamos a singularidade de forma que minimizamos o sujeito.

Quem conta é a Silvana

Sabe aquele momento em que uma mãe perde o chão? Foi isso que aconteceu comigo no dia em que cheguei à escola para matricular o meu filho e a diretora disse assim: “Não temos condições de trabalhar com seu filho aqui.” Com crianças com autismo fica muito difícil de lidar. Eu também não sabia nada sobre o autismo. Wilgner nos desafiava o tempo todo. Era um trabalho de comprometimento. Mas o fato de olharem para o meu filho e falarem “não dá para ele ficar aqui na escola”, me doeu muito. A minha filha mais velha não me dava nenhuma preocupação na escola. Ótima aluna. Sempre tirava notas altas. Mas o Wilgner é uma criança diferente da irmã.

Sei que a forma dele aprender é única. Ele aprende do jeito dele. Ele faz as coisas do jeito dele. Aprende no ritmo dele.

Eu mudei da zona rural, sai do meu lugar. Wilgner adorava a roça. Lá não tinha barulho, era tudo muito calmo. Meu filho já tinha acostumado a viver naquele silêncio, ouvindo os pássaros e sem os barulhos dos carros. Então quando saí e vim morar na cidade, sofri muito. Meu filho não gostava de andar pelas ruas da cidade, Wilgner sofria com isto. Tinha mesmo até crises nervosas, por que ouvia muito

os barulhos. Doía nele. Meu filho entrava em desespero. Os barulhos incomodavam tanto meu filho, e seus braços ficavam marcados, pela dor, pelo sofrimento.

Um choro aparecia quando ouvia os barulhos da rua. Lágrimas escorriam de seus olhos. Os sons das buzinas, os barulhos dos carros, das motos, dos caminhões, das pessoas falando. Tudo isso fazia meu filho sofrer.

Meu filho nunca falou uma palavra sequer. Eu aprendi a me comunicar com ele. Ele me entende e eu o entendo. Uma mãe e um pai conhecem o que seu filho sente. Eu entendo os gestos, os choros, as brigas. Nós sofremos juntos.

Wilgner precisa aprender a ficar na escola, ele não gostava de ter contato com muitas pessoas, por que nós vivíamos no sítio somente entre a família.

Foram tantos os desafios! E Wilgner começou a gostar da escola. Aprendeu que tinha que ficar somente no espaço escolar e não poderia sair. Sofria para ficar dentro de uma sala de aula sem poder sair, pois gostava de andar por todos os lugares. Na escola, naquela época não tinha professora para dar aulas para as crianças. Eu sabia que meu filho precisava frequentar a escola, mas devido ao laudo médico foi difícil encontrar uma professora que pudesse dar aulas para meu filho. A escola não aceitava crianças autistas por que as professoras diziam que não sabiam trabalhar com eles. Eles aprendem devagar.

Mas o médico dizia que meu filho tinha que interagir com outras crianças. Tinha que ir para a escola. E como fazer isso se a escola, não podia receber meu filho?

Na mesma época, eu conheci a Carina e a Cidinha, e vi que elas também estavam lutando pela mesma causa, escola para os filhos. Ficamos unidas. Estávamos em três. Todos os dias nós íamos à escola e lá ficávamos. Andávamos pelo pátio, pelos espaços escolares, marcávamos a nossa presença. Chegávamos de manhã quando o sino batia para as outras crianças. Entrávamos também com os nossos filhos. E assim foi durante muito tempo. Durante um ano inteiro. E no ano seguinte, meu filho já estava começando a gostar de ir para a escola. Meu filho já sabia que a escola era um lugar diferente da nossa casa por exemplo. Lá ele encontrava as outras crianças. Wilgner aprendeu a ficar junto com as outras crianças. A pertencer aquele espaço. Começou a fazer algumas atividades.

Com o passar do tempo, no ano seguinte, ficou decidido que nossos filhos poderiam ficar duas horas com a professora de artes. Era uma conquista: Por duas horas meu filho tinha aula. Eu o ajudava a fazer as

atividades para melhorar a coordenação motora. Meu filho fazia as fisioterapias também na mesma escola. Escola Especial, APAE. E quando ele ficava chateado, eu já estava ali, para sair da sala com ele, dar água, conversar. Eram várias crianças na sala e ficava muito difícil para uma professora sozinha.

Depois de dois anos, tivemos uma professora para os nossos filhos. Essa professora começou a dar aulas não só para nossos filhos, mas para outras crianças também. Eu também estava aprendendo a fazer coisas com o meu filho. Tudo era tão difícil porque eu não tinha experiência nenhuma com o autismo e não tinha ninguém na cidade que poderia nos ajudar e explicar alguma coisa. Eu, Carina e Cidinha ficamos amigas, construímos uma boa amizade. Éramos somente nós três. Nossos filhos eram da mesma idade. Morávamos na mesma cidade. Tínhamos a esperança de superar os desafios. Tínhamos com quem conversar. Compartilhávamos nossas experiências e assim fomos aprendendo com nossos próprios filhos e juntas.

Meu filho não aprendia as coisas na mesma época em que as outras crianças aprendiam. As crianças brincavam, sorriam, apontavam as coisas que queriam, falavam, engatinhavam e andavam. Meu filho nunca engatinhou. Nunca falou. Nunca apontou o dedo para nenhuma coisa. E nunca brincou como as outras crianças. Eu comprava um brinquedo, Wilgner nem a mão colocava. Não se interessava por nenhum carrinho, coisas que meninos brincavam. Meu filho não brincava com nenhum brinquedo.

Wilgner gosta de coisas simples. Gosta de dar sentido às mínimas coisas. Gosta de ver as coisas nas posições certas. Os bibelôs da estante têm que ficar todos na mesma posição. Não me lembro quando começou sua paixão pelo Flamengo. O pai é vascaíno. Não sei como pode gostar tanto a ponto de brigar com o pai na hora do jogo. Pois quer que o pai torça pelo flamengo também. Meu filho, cresceu, tem seus gostos, gosta de usar as roupas que quer. O sapato que gosta. Gosta de ouvir músicas. Ama ver programa de culinária. Adora ver jogos. Tem muita dificuldade para enxergar. Meu filho aprendeu muitas coisas na escola. Tempo de criança é tempo de ir para a escola.

(SILVANA, Histórias de Vida, 2016).

Diante das narrativas, a professora afirma que estar em sala de aula diante de cada criança foi um desafio. Era preciso acolher o outro, sem saber o que elas trazem em seus laudos. Como professora, teria que ver sentir, ser tocada pela existência de cada um que

estava em sala de aula. E os desafios se apresentavam a cada dia, a cada encontro, no confronto de singularidades.

É possível abrir caminhos de passagens em nossa formação de professores através das conversas que acontecem em nosso cotidiano escolar? Para escutarmos as palavras dos outros, precisamos conversar, precisamos falar, escutar e “encarnar” o sentido que as palavras ouvidas ressoam em nós. É preciso abrir caminhos de passagens. Mesmo que não concordemos, uma conversa é também desacordos, é conflito, é linguagem...

Quase ninguém reconhece vozes cuja origem não sejam as suas próprias, quase ninguém escuta senão o eco de suas próprias palavras, quase ninguém encarna a pegada que deixam outras palavras, outros sons, outros gestos, outros rostos (SKLIAR, 2011, p. 28).

O cotidiano da escola é um lugar em que os sujeitos “praticantes” contam e compartilham seus saberes, suas experiências, suas vidas. “A experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza” (LARROSA, 2015, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a potência dessa escrita e pesquisa está nas conversas, encontros e compartilhamentos. Aprendemos com as nossas experiências, com aquilo que nos “tocou e nos passou” e aprendemos ao ouvir as experiências contadas, narradas, dando sentido àquilo que ouvíamos enquanto estávamos em sala de aula. Uma forma de “trocar as experiências” como nos diz Benjamin (1987).

As narrativas das histórias de vida das mães com seus filhos intensificam o sentido de suas lutas. Nos pergunta Carina: “Se cada criança é de um jeito, porque precisamos ainda lidar com preconceitos tão duros que quase nos obrigam a nos anular como sujeitos?”.

Carina entende que o preconceito não é uma questão individual onde luta sozinha, como mãe de uma criança diagnosticada com o transtorno do espectro autista mas, sim de um grupo de pessoas, de uma história coletiva das minorias existentes em nosso país.

Aprendemos com os ditos ‘diferentes’ que a homogeneidade não cabe nas salas de aulas nas quais trabalhamos. Nesse processo de formação e transformação como professoras e pesquisadoras, entendemos que precisamos estar abertos, disponíveis para receber cada um, qualquer um a todos em nossa sala de aula. Acreditamos em uma escola que seja possível estar juntos na educação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. Obras escolhidas vol. 1. 1987.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CERTEAU, M. **Artes de fazer com: a invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SKLIAR, C. **Conversar e conviver com os desconhecidos**. *In: Políticas Públicas, Movimentos Sociais Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. FONTOURA, H. (org.) Rio de Janeiro, 2011.

SKLIAR, C. **Incluir as Diferenças? Sobre um Problema Mal Formulado e Uma Realidade Insuportável**. Rio de Janeiro: Revista Interinstitucional Artes de Educar, 2015.